

A EXPERIÊNCIA DA PATERNIDADE EM FAMÍLIAS MONOPARENTAIS MASCULINAS¹

THE EXPERIENCE OF PATERNITY FOR SINGLE MEN

Gisele Flores² e Cristina Saling Kruef³

RESUMO

Neste estudo o objetivo foi investigar a experiência da paternidade de homens que moram com o(s) filho(s) sem a presença da mãe ou outra companheira, constituindo uma família monoparental masculina. Participaram desta pesquisa quatro homens, e a coleta dos dados ocorreu através de entrevistas semi-estruturadas. A Análise de Conteúdo Qualitativa demonstrou que a paternidade em famílias monoparentais masculinas é vivida como um desafio diário, pois, além das atribuições consideradas socialmente como paternas, os pais têm que assumir funções consideradas maternas. Além disso, destacou-se o fato de estes homens estarem buscando novas formas de se relacionar com os seus filhos ao se adaptarem à nova realidade que lhe impõe uma responsabilidade maior, pois não têm com quem dividir a função parental.

Palavras-chave: grupo familiar, monoparentalidade, Psicologia.

ABSTRACT

This study aimed to investigate the experience of single men. Four men answered a semi-structured interview. The Qualitative Content Analysis showed that paternity in a single-parent family is experienced as a daily challenge, because, in addition to the obligations that are socially considered as fathers' tasks, men have to assume functions that are considered as belonging to women. Furthermore, the fact that these men are seeking new ways to have a better relationship with their children, adapting to the new reality brings them a huge responsibility because they do not have anyone to share the parental role.

Keywords: family group, single-parenthood, Psychology.

¹ Trabalho Final de Graduação - TFG.

² Acadêmica do Curso de Psicologia - Centro Universitário Franciscano.

³ Orientadora - Centro Universitário Franciscano.

INTRODUÇÃO

As mudanças ocorridas nos contextos social, cultural e econômico nas últimas quatro décadas no Brasil provocaram um processo de transformação nas famílias e nas relações entre homens e mulheres. Diante disso, o homem passou a ter a possibilidade de construir uma nova identidade parental, na qual a participação nos cuidados diários dos filhos⁴ e o envolvimento emocional com estes passaram a ser valorizados, principalmente nas últimas décadas. Em uma breve revisão teórica sobre a construção histórica da família, dando atenção às famílias monoparentais, também pode-se perceber que as relações familiares passaram por profundas modificações.

A participação ativa da mulher em nossa sociedade é um dos fatores que vem modificando os contornos da família. A autoridade, o poder e a força de trabalho, atualmente, não estão relacionados apenas aos homens, assim as relações vêm se reescrevendo. A mediação entre o que foi tradicionalmente estabelecido e uma nova possibilidade que se descortina para o homem permite uma reavaliação da relação pai-filho (ZAMBERLAM, 2001). As mudanças sociais estimularam o homem a ampliar suas interações na esfera familiar, e a possibilidade de uma participação mais ativa nos cuidados com a prole suscitou, em grande parte dos pais, a responsabilidade em criar e amar seus filhos. Na relação entre pai e filho, o caráter de obrigação pode ser substituído pelo prazer que esta pode proporcionar a ambos. O desejo de alguns pais de conviver com os filhos no dia a dia os encorajou a cuidá-los, mesmo sem a presença da mãe (SOUSA, 2008).

Considerando tais aspectos, o presente estudo tem como objetivo investigar a experiência da paternidade de pais que moram com o(s) filho(s) sem a presença da mãe ou outra companheira, constituindo uma família monoparental masculina. Para tanto, inicialmente serão realizadas algumas considerações sobre a família monoparental e, posteriormente, serão expostos alguns conceitos atrelados à experiência da paternidade.

FAMÍLIA MONOPARENTAL

As famílias monoparentais podem originar-se de forma voluntária ou involuntária. Existem diversas situações que podem originar a monoparentalidade, como o divórcio, a viuvez, entre outros. A monoparentalidade sempre existiu e, nos últimos vinte anos, tem aumentado consideravelmente o número de famílias com esta estrutura (SANTOS; SANTOS, 2008). Em consonância com tais transformações, a Constituição Federal de 1988 reconheceu a existência das famílias monoparentais e lhes conferiu especial proteção do Estado, no artigo 226, § 4º, que dispõe: “entende-se, também, como entidade familiar a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes” (BRASIL, 1988).

⁴Pode-se entender o substantivo filhos tanto para o gênero masculino quanto feminino.

Hoje a monoparentalidade é conhecida e aceita no ocidente, sendo definida como família monoparental a comunidade composta por apenas um dos genitores, que vive com seu(s) filho(s) numa mesma casa (SOUSA, 2008). Segundo Palma (2001), a família monoparental é definida como a família formada por um dos genitores e seu(s) filho(s), independente da convivência do outro genitor.

No Brasil, antes da Lei do Divórcio (Lei nº 6.515/77), já era percebida a tendência à reivindicação de direitos como uma manifestação contra o desquite, assim como uma tendência social a qual não admitia mais a ruptura conjugal sem possibilidade de novo casamento (BRASIL, 1997). A Lei do Divórcio não foi a causa do aumento de separações, pois apenas regularizou um número considerável de rupturas que já estavam consumadas no plano fático. A guarda do(s) filho(s), na maioria das vezes, é atribuída à mãe, e isso se deve a fatores socioculturais (PALMA, 2001). De acordo com os resultados levantados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE, 2009), o percentual de mulheres responsáveis pela guarda de filhos menores após o divórcio era de 89,2% e o de homens responsáveis pela guarda de filhos menores após o divórcio era de 6,09%. O percentual das famílias monoparentais masculinas teve um crescimento de 7,8% para 9,8% (de 278 mil famílias em 1997 para quase 445 mil em 2007). Para Sousa (2008), o fato de o genitor não deter a guarda do(s) filho(s) não exclui necessariamente sua participação na vida dele(s), contudo pode ocorrer uma ausência acentuada.

Conforme já exposto, atualmente, a monoparentalidade vem se tornando mais frequente, sendo que, na maioria das vezes, a mãe permanece com a guarda dos filhos. Porém pode-se perceber que muitos pais estão tendo uma participação mais ativa nos cuidados da prole e alguns constituem família monoparental. As transformações da família alteraram a experiência da paternidade, permitindo um maior envolvimento afetivo do homem com seus filhos.

A EXPERIÊNCIA DA PATERNIDADE

Na segunda metade do século XX, as mudanças sociais, econômicas e culturais ocasionaram alterações nos papéis femininos e masculinos, desencadeando a necessidade de se buscar diferentes compreensões sobre as relações pessoais e sobre os laços e novas configurações familiares (HENNIGEN; GUARESCHI, 2002; WAGNER et al., 2005). Neste contexto, o Feminismo reivindicou igualdade de direitos sociais entre homens e mulheres e abriu espaço para investigações em diversas áreas. A partir dos estudos sobre a mulher, pesquisadores começaram a compreender melhor a masculinidade e a paternidade, que passaram a ser vistas como construções sociais. O discurso feminista contribuiu para desestabilizar a representação tradicional da masculinidade e da paternidade, possibilitando a circulação de novas significações e estimulando a busca de outras compreensões sobre a constituição subjetiva (HENNIGEN; GUARESCHI, 2002).

A divisão de tarefas domésticas possibilitou o estabelecimento de um novo modelo de relação, baseado na cooperação e complementação entre parceiros, no qual homens e mulheres compartilham

igualmente cuidados e responsabilidades em relação aos filhos (HENNIGEN; GUARESCHI, 2002; WAGNER et al., 2005). Ainda assim, de acordo com Nogueira (2001), poucos casais partilham todas as tarefas, são escassos os casos em que os homens dividem todas as responsabilidades da casa ou o cuidado com os filhos. As diferenças biológicas serviram para estabelecer funções assumidas como naturais, sendo que o papel das mulheres seria de permanecer na esfera familiar e nas relações de suporte afetivo (FREITAS; COELHO; SILVA, 2007; NOGUEIRA, 2001; SOUSA, 2008). Ainda hoje, os papéis de gênero induzem a diferenças sexuais estereotipadas acerca das qualidades e comportamentos adequados para homens e mulheres (NOGUEIRA, 2001).

O conceito de masculinidade é ainda fundamentado nos modelos tradicionais e nos predicativos da personalidade do homem e este deve apresentar distanciamento emocional, agressividade e comportamento de risco (SILVA, 2006). Porém, os novos modelos de masculinidade têm mostrado preocupação quanto à redefinição do papel de pai, marido, trabalhador e cidadão (SILVA, 2006; ZAMBERLAM, 2001). O novo pai é aquele que se compromete com os cuidados dos filhos, através da interação, da acessibilidade e da responsabilidade. A interação é definida considerando o tempo que o pai realiza atividades conjuntas com o filho. A acessibilidade é entendida como a possibilidade que o filho tem para interagir com o pai. A responsabilidade se refere ao papel que o pai assume em relação às atividades do filho, como educação, saúde, reuniões sociais (LAMB et al., 1985).

Em pesquisa realizada por Sutter e Bucher-Maluschke (2008) com pais cuidadores, foi apurado que ainda é visto de forma natural que, dentre as principais atribuições do homem, está prover materialmente e proteger a família. Os pais se percebem mais práticos e mais lúdicos no lidar com os filhos e reivindicam o direito de efetuar os cuidados a seu modo. Para estes pais, a paternidade foi considerada um rito de passagem à vida adulta e vem acompanhada de sentimentos de envolvimento afetivo e temor pelos filhos. Os pais avaliaram como atributos necessários relacionados ao aspecto nutridor e cuidador qualidades como doação, disponibilidade e paciência. Estes pais se consideraram diferentes em relação a outros pais, pois julgaram que agiam de forma mais intensa, mais ativa e companheira. Porém a participação na vida doméstica pode ser vivida pelo pai com um conveniente estranhamento, pois o envolvimento paterno no cuidado dos filhos não significa uma apropriação da vida doméstica.

Os pais podem amar, emocionar-se, sensibilizar-se, sofrer e sentir prazer na relação com os filhos, sendo assim, se aceitarmos que podem ser ternos e acolhedores, capazes de vínculos profundos com os filhos, estes atributos poderão ser considerados também masculinos (SUTTER; BUCHER-MALUSCHKE, 2008). O passado patriarcal nega o pai cuidador, e os homens encontram-se em transição entre antigos modelos identitários e novas demandas e posicionamentos. De fato, alguns homens estão em busca de um estilo de vida que permita mais tempo e participação nos cuidados diários dos filhos (SOUSA, 2008; SUTTER; BUCHER-MALUSCHKE, 2008).

O novo modelo de masculinidade que busca a redefinição do papel de pai do homem contemporâneo é criticado por Silva (2006), pois nem todos os pais tem se adaptado dentro dos padrões da nova paternidade. Neste modelo, o homem teria a capacidade e a possibilidade de demonstrar seus sentimentos, de se emocionar publicamente, ser sensível ao invés de agressivo, realizar as tarefas domésticas, ter mais participação na educação dos filhos, exercer profissões antes consideradas femininas. De acordo com Piccinini et al. (2004), é preciso refletir se os estudiosos e a sociedade não estão deixando de considerar eventuais diferenças sexuais ou peculiaridades referentes à maternidade e à paternidade, demandando do pai um envolvimento além de suas possibilidades.

O pai contemporâneo faz-se presente no contexto familiar, está sujeito e é movido pelas modificações no contexto social e cultural. Pode estar disposto a redefinir seu papel, restaurar seu lugar e a repensar modelos que lhe permitam viver e sentir a paternidade. Permitir o reconhecimento da sensibilidade na vivência paterna é o que impulsiona a mudança, levando à conquista de seu próprio espaço afetivo. O modelo tradicional de paternidade vai se desarticulando, na medida em que o homem, ao se tornar pai, permitir-se reviver a relação com o pai da infância, resignificar sua experiência e perceber o encontro de seus sentimentos do passado com os do presente (GOMES; RESENDE, 2004).

METODOLOGIA

PARTICIPANTES

Participaram deste estudo quatro pais que atendiam aos critérios de inclusão nesta pesquisa, a saber, ter mais de 21 anos, morar com seu(s) filho(s) sem a presença da mãe destes ou de outra companheira, constituindo uma família monoparental. Um dos pais entrevistados havia casado há dois meses, sendo incluído no estudo devido a ter constituído família monoparental por nove anos e por a presença de sua companheira ser recente. A preferência por esta faixa etária se deu para evitar implicações características da fase adolescente. O número de participantes atendeu à sugestão de Barker, Pistrang e Elliot (1994), que consideram que a saturação dos dados em estudos qualitativos pode ser utilizada, desde que sejam usados instrumentos abrangentes. Os participantes tinham entre trinta e um e quarenta e oito anos. Para o presente estudo, foram adotados nomes fictícios tanto para os homens participantes quanto para seus filhos. A seguir apresenta-se uma breve descrição dos casos.

Marcelo era casado, trabalhava como operador de controle numérico computadorizado e possuía ensino médio completo; Francisco era viúvo, trabalhava como zelador e possuía o ensino médio completo; Roberto era separado, trabalhava como vigilante e tinha ensino superior incompleto; João era separado, trabalhava como taxista e possuía o ensino fundamental completo. A faixa etária dos filhos variou entre dez e treze anos. A tabela 1 mostra a idade dos filhos, o tempo de guarda do pai e motivo da guarda do pai.

Tabela 1 - Dados dos participantes da pesquisa.

PAIS	FILHO(S)	TEMPO	MOTIVO
Marcelo	Daniel, 11a Ricardo, 13a	9 anos	Separação
Francisco	Fernando, 11a	1 anos	Viuvez
Roberto	Camila, 12a	3 anos	Separação
João	Tiago, 10a	9 anos	Separação

DELINEAMENTO

Este estudo teve caráter qualitativo. Foi realizado delineamento de estudo de casos coletivo definido por Stake (1994) como aquele que possibilita a compreensão das especificidades e semelhanças em certo número de casos, o que leva a um melhor entendimento acerca de um conjunto ainda maior de casos. Segundo Yin (2001), o estudo de caso é a estratégia escolhida ao se examinar acontecimentos contemporâneos, o seu poder diferenciador é sua capacidade de lidar com uma ampla variedade de evidências como documentos, entrevistas e observações.

PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS

Após o projeto ter sido aprovado pelo Comitê de Ética, a pesquisadora realizou contato com três escolas e com o Conselho Tutelar de uma cidade do interior do estado do Rio Grande do Sul, além de ter informado a pessoas conhecidas sobre a pesquisa e ter solicitado indicação, caso soubessem de pais que constituíssem família monoparental.

Os pais foram convidados a participar do estudo através de contato telefônico. No primeiro contato, foram checados os critérios para participação na pesquisa, anteriormente mencionados. Uma vez confirmado o interesse pela participação e os critérios de inclusão, foi marcada a entrevista.

Os pais que aceitaram participar, leram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Posteriormente, foram realizadas individualmente as entrevistas semiestruturadas, a fim de investigar a experiência da paternidade de pais que moram com o(s) filho(s) sem a presença da mãe ou outra companheira, constituindo uma família monoparental masculina. As entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas.

CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

Aos participantes deste estudo foi garantido o direito às informações, desde o primeiro contato, sobre os objetivos da pesquisa e sobre a forma de coleta e análise dos dados. Eles

puderam decidir sobre a sua participação, sendo assegurada a possibilidade de desistência em qualquer etapa da pesquisa.

Foram respeitados os procedimentos éticos para Pesquisas em Psicologia com Seres Humanos, contidos na Resolução nº 016/2000, do Conselho Federal de Psicologia (CFP) e do Conselho Nacional de Saúde, Resolução nº 196/1996, pois o estudo foi realizado em 2011, ano em que esta resolução ainda estava em vigor. O presente estudo foi submetido ao Comitê de Ética de uma instituição universitária, sendo autorizado sob o protocolo nº 386. 2010.3.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No presente estudo, os dados foram analisados através da Análise de Conteúdo Qualitativa (BARDIN, 1977). A partir da leitura das respostas dos participantes à entrevista, buscou-se verificar as particularidades e semelhanças presentes nas falas, a fim de investigar a rotina destes homens e de seus filhos; analisar a percepção destes pais referente ao relacionamento com os filhos; e identificar os sentimentos referentes à paternidade, entre outros aspectos. Tal análise permitiu a divisão do conteúdo das respostas em três categorias: Desafios da paternidade monoparental; O papel da rede de apoio; e Sentimentos do pai cuidador.

DESAFIOS DA PATERNIDADE MONOPARENTAL

Conforme já exposto, a família passou por diversas transformações ao longo do tempo e a imagem da família composta por pai, mãe, e filhos, que permaneceu por muito tempo como ideal, cedeu espaço para outras formas, nas quais o afeto regula as relações (ZAMBERLAM, 2001). Hoje, entre as diversas configurações familiares, tem-se a família monoparental que, na maioria das vezes, é composta por mãe e filho(s), mas também existem as famílias compostas por pai e filho(s). Ao assumirem a responsabilidade pela educação, alimentação, higiene, lazer de seus filhos, estes pais enfrentam desafios em seu dia a dia.

Considerando tais aspectos, esta categoria busca apontar os desafios enfrentados pelos homens entrevistados. Esses mostraram que estiveram dispostos a enfrentar as dificuldades da paternidade monoparental e que foram se adaptando a essa nova realidade, dedicando cuidado aos seus filhos, abrindo mão de algumas atividades de lazer para atender às necessidades das crianças. Ainda assim, estes homens demonstraram-se satisfeitos com a situação, o que pode ser evidenciado através de suas falas: “Vai ter que abri mão de bastante coisa, por causa das crianças, [...] geralmente com 20 anos tu quer sair, namorar, fazer esse tipo de coisa, né, que guri faz. Não fiz, mas aí tive os guris, compensaram de outra forma, né.” (Marcelo); “Só que eu não posso viajar né, sozinho. Se tiver que viajar, fica difícil, né. [...] Porque ele [o filho] não fica com ninguém.” (Francisco); “Até comentando com amigos assim,

se eu quero sair num sábado e eu não posso sair, eu não fico encasquetado com aquilo ali. Não deu, não deu. É a minha filha, primeiro ela, né. [...] Eu abduco, às vezes, de muitas coisas por causa dela, mas não me queixo.” (Roberto); “E a minha folga fico com ele. Não vou à festa, não vou a baile, eu não tenho tempo pra nada.” (João).

Pode-se considerar que estes pais sentem-se comprometidos com a paternidade, pois, segundo Sutter e Bucher-Maluschke (2008), a paternidade está associada à responsabilidade e ao investimento profissional, assim como a sentimentos de envolvimento afetivo e temor pela prole, além de ser considerado um rito de passagem à vida adulta. De acordo com Freitas et.al (2007), o homem tem a paternidade como constituinte da identidade adulta e esta representa a certeza de ter finalizado mais uma etapa da vida e de ter iniciado uma diferente, com novas experiências e compromissos sociais.

Além disso, destaca-se o fato de que a ausência de outra figura cuidadora pode ter influenciado as atitudes destes pais. Conforme Grzybowski e Wagner (2010), a partir do momento em que a mãe não está presente ou reduz o seu papel parental, o pai tende a exercer a parentalidade de forma mais ampla e completa. Porém residir com os filhos, sem a presença do outro genitor, causa sobrecarga, exigência parental e desafios maiores na educação da prole ao genitor que detém a guarda.

Outro desafio enfrentado por estes pais se refere a sentirem-se sozinhos na responsabilidade de prover todo o cuidado aos filhos, sem a possibilidade de dividir esta tarefa com outro genitor: “[...] só tinha no caso eu de pai presente ali, né. A mãe não tava presente, tinha que resolver, daí foi indo, cada um que aparecia a gente ia resolvendo, tanto os problemas como a parte da alegria no caso, [...]” (Marcelo); “[...] hoje eu faço as duas partes, né. Tanto é a roupa dele, a alimentação, tudo. Tem que botá como pão, né (riso). [...] Olha, eu procuro ser o mais amável possível pra ele, pra tenta supri uma coisa, que é o amor da mãe, né. Dificilmente eu vou conseguir. [...] E eu disse pra ele: Eu posso fazer tudo que ela fazia, mas não vai ser a mesma coisa. É a mesma coisa que tu comer um churrasco numa churrascaria e comer um churrasco feito em casa. Churrascaria tem um gosto, o de casa tem outro, são mãos diferentes que fizeram.” (Francisco); “Porque tu tá sozinho ali, tu tem que ser pai, tu tem que ser mãe, tu tem que tá presente sempre.” (Roberto); “Eu ia nas reuniões dos pais, dia das mães eu ia. Recebia flor dele no dia das mães aí ele chorava, por causa que no dia das mães todos coleguinhas dele levava as mães e a mãe dele não ia. [...] olha, não é fácil. Criar um filho sozinho”. (João).

Pode-se pensar que, para esses homens, a paternidade é vivida como um desafio diário, pois, além das atribuições consideradas socialmente como paternas, eles têm que assumir funções consideradas maternas. Esses pais precisam descobrir, cada um a seu modo, formas para exercer a paternidade. Segundo Hennigen e Guareschi (2002), as identidades, no mundo contemporâneo, são formadas e se transformam através do conflito entre a cultura e o desejo de adotar seus significados. Sendo assim, o pai, como uma das posições identitárias, está em contínua transformação tanto em relação às suas significações como o modo de vivenciar a paternidade.

Ainda cabe ressaltar que Francisco parece perceber que o seu cuidado difere do cuidado materno, acreditando que o cuidado materno é de melhor qualidade, como se a mãe fosse a única figura capaz de atender todas as necessidades do filho, competindo a ele, na função de pai, um papel secundário. De acordo com Bottoli e Arpini (2011), muitos pais acreditam que a mãe é mais preparada para desempenhar os cuidados da prole, sendo assim, os filhos não podem ficar sem a sua presença, passando a ser desnecessário o cuidado do pai, o que reforça o lugar principal e privilegiado da mãe, tanto na esfera psicológica quanto na esfera jurídica.

As práticas educativas também são um desafio para a monoparentalidade, pois o genitor tem que decidir sozinho sobre qual a melhor forma de educar a prole. O castigo foi mencionado como a principal maneira de educar os filhos: “Fico bem chateado, bravo, né, dou umas ralhadas com eles [os filhos], se não adiantar dou um puxão de orelha, castigo, castigo bastante, castigo já levaram já, corta o videogame, corta a televisão, corta o computador, corta jogo de bola, [...]” (Marcelo); “[...] Hoje é conversa. Tu fala três, quatro vezes, até entendê, né. Daí tu tem que levantar o tom. [...] Oh, se tu começar a fazê, tu não vai te isso, tu não vai te aquilo, daí ele. Eu posso dizer que vou tirar, mas não tiro.” (Francisco); “Ah, eu xingo e boto de castigo [...]. Se é muito grave, aí o castigo mais prolongado. Mas mais é xingar, falar um pouco mais firme e tira o que ela gosta de fazer.” (Roberto); “Aí eu deixo de castigo quando ele faz arte demais [...]. Aí eu não deixo olhá DVD, aí eu não deixo ele jogar no computador, eu não deixo ele saí.” (João).

Pode-se perceber que os pais consideram que o castigo, associado a uma postura firme que represente autoridade perante os filhos, é o caminho mais indicado para uma boa educação. Conforme Sousa (2008), o diálogo é um caminho expressivo que proporciona aos membros da família a compreensão de suas reais necessidades e o melhor modo de lidar com os eventuais problemas, pois encontrar a medida ideal entre abertura e firmeza mediada pela ordem e o afeto pode ser uma tarefa difícil. Preocupados em estabelecer regras referentes ao comportamento dos filhos, pais e mães tentam dar proteção à prole frente a situações que possam ser perigosas para seu desenvolvimento, além de tentar controlar o que julgam prejudicial a eles, sendo consideradas estas atitudes como parte das tarefas educativas.

Hoffman (1975, 1994 apud ALVARENGA; PICCININI, 2001) sugeriu que as práticas educativas podem ser divididas em estratégias indutivas e estratégias de força coercitiva. A primeira estratégia caracteriza-se pelo fato de sugerir para a criança os resultados do seu comportamento para as outras pessoas e apontar os aspectos lógicos da situação para alcançar o objetivo disciplinar. Desta forma, a criança poderá compreender as implicações de sua conduta. Já nas estratégias de força coercitiva, pode haver uso direto da força, através de castigo físico, privação de privilégios e de afeto, ou utilização de ameaças referentes a estas ações, e isso faz com que a criança controle suas ações em função das reações punitivas da mãe e do pai.

A respeito das respostas dos pais quanto às práticas educativas adotadas por eles, sendo estas predominantemente coercitivas, pode-se pensar que a responsabilidade exclusiva pela educação dos

filhos pode levar a maiores equívocos pela falta de alguém corresponsável para compartilhar as dúvidas e insegurança.

No que diz respeito ao cotidiano da família, os participantes reclamaram da falta de colaboração de seus filhos nas tarefas domésticas, evidenciando alguns conflitos, além disso, demonstraram que estão envolvidos nos cuidados e na alimentação das crianças: “[...] o mais velho [o filho] levanta junto comigo pra ir pra aula, aí eu até ajeito o café pra ele ali, ele toma, daí a gente obriga praticamente ele a lavar a xícara, né, porque é uma briga. [...] estando em casa, quem fazia a janta era eu, né, [...] alguma coisa saía, nunca reclamaram.” (Marcelo); “Eu arrumo a casa, é daqueles [o filho] assim que se toma um toddynho deixa ali a caixinha, não leva pro lixo. Aí chega de tarde: vai botá isso aqui no lixo. Não auxilia em nada, [...]. É só eu realmente [...]. Eu dou um toque pela manhã e finalizo pela tarde. Pela manhã eu que preparo ele. Deixo a roupa tudo preparada pra ele. Eu que escolho, né.” (Francisco); “Eu que faço a alimentação. O café da manhã dela [da filha] também, [...]. No dia anterior, eu já deixo pronto a janta-almoço [...]. Bah! Tem que ajudar! Arruma teu quarto, varre a casa. E aí, quando dá esses entreverinho, no outro dia a casa tá varrida, a louça tá lavada, sabe, a jarra tá com água dentro da geladeira, esse tipo de coisa.” (Roberto); “Na creche, eu levava e buscava, dava banho nele [no filho]. Nos meus dias de folga, eu lavava a roupa, a minha e a dele, fazia comida, tudo, deixava pronto, e foi indo. Aí eu dou café pra ele, [...]. Às vezes, eu compro [...] comida de marmitex, [...].” (João).

Pode-se perceber que estes pais participam ativamente do dia a dia de seus filhos, porém é importante ressaltar que, apesar de muitos homens terem interesse de estarem mais próximos a seus filhos, realizando os cuidados e tarefas domésticas, este fato não é corriqueiro, pois, na maioria das vezes, quando presente, quem assume estas tarefas é a mãe. De acordo com Freitas et al. (2007), alguns homens passaram a procurar maior proximidade com o filho acompanhando seu crescimento e desenvolvimento e executando cuidados que são considerados na esfera social como femininos. As relações nas famílias vão se reescrevendo, permitindo que os genitores compartilhem os cuidados e estreitem os vínculos afetivos com a prole, sendo que o envolvimento do pai contribui para uma mudança no significado de insensível e intocável atribuído ao gênero masculino. Ainda cabe ressaltar que os desafios quanto ao auxílio nas tarefas domésticas enfrentados por estes pais são comuns em lares com filhos adolescentes, não sendo uma especificidade da família monoparental masculina. Os adolescentes, geralmente, não colaboram nestas tarefas mesmo quando são solicitados, o que pode acontecer devido ao caráter de obrigação que isto implica.

Na atualidade, ainda é possível perceber que os estereótipos de gênero continuam influenciando de forma significativa as relações entre as pessoas nas diferentes esferas. Esta influência pode ser vista através das falas de Francisco e Roberto, pois, para eles, as tarefas domésticas são atribuições femininas: “[...] mãe é preparada pra fazer almoço, janta [...]. [...] ela tinha uma mania, mãe tem as manias. Não sai com camisa amassada [...]. E a alimentação realmente, é a parte mais

complicada, por ser homem, se fosse pra ela, a dificuldade seria diferente, né. A mãe se vira dentro de casa. Mãe limpa casa, mãe faz comida, [...]” (Francisco); “Muda hoje em dia, o pai faz a comida, o pai lava a roupa, né, o pai limpa a casa. [...] se tu vai vê isso aí, é um bicho de sete cabeças, né. Até quarta-feira eu fiz um faxinão [...] e pedi pra ela [filha] tirar uma foto, né, de eu fazendo os serviços domésticos, mais pra mim colocar no Orkut e elogiando e enaltecendo o valor da mulher no caso, né. [...] que a gente tem que dar muito valor pra mulher, porque não é fácil tu cuidar de uma casa.” (Roberto).

O desempenho das tarefas domésticas é considerado por esses homens como uma função que não é sua, mas que tiverem que assumir por residirem com seus filhos sem a presença de uma mulher. Conforme já mencionado, em pesquisa realizada por Sutter e Bucher-Maluschke (2008), os pais demonstraram um estranhamento ao desempenhar as tarefas domésticas no lugar da mulher, embora a maioria considere necessária, uma vez que permanece uma distinção entre ser pai e ser dono de casa. A pesquisa ainda ressaltou que os homens consideram a sua principal atribuição prover economicamente e proteger a família. Além disso, alguns pais colocam a mulher no centro da cena familiar, posicionando-se como coadjuvantes, mas não se sentem inferiores por este motivo. Ainda em relação aos papéis de gênero, é possível destacar que Francisco refere que, se tivesse tido uma filha, seria mais difícil para ele assumir os seus cuidados, e Roberto diz que, se sua filha fosse um menino, seria mais fácil: “A dificuldade seria maior se ficasse uma menina. A menina geralmente, a tua mãe tem que ensinar, [...]. O menino não, tu fala, quando chega tal idade tu faz isso que acontece isso com o corpo do menino, né.” (Francisco); “É que é complicado, difícil, ainda mais filha mulher, né. [...] Quando ela menstruou a primeira vez, ela não queria que eu soubesse. Daí ela falou pra mãe dela, né. Seria um assunto de mulher pra mulher, né. Então, no caso guri com o pai, já é mais fácil, né.” (Roberto).

A partir dos relatos, é possível perceber que questões relacionadas às transformações biológicas que ocorrem no corpo da menina é um assunto que os pais têm dificuldade para tratar. Em um estudo realizado por Grzybowski e Wagner (2010), apenas um dos pais entrevistados permaneceu com a guarda das filhas após a separação conjugal e este considerou um desafio o fato de educar duas meninas sem a presença da mãe e julgou como positivo seu papel parental. Conforme Sousa (2008), a sociedade impõe modelos a serem seguidos por homens e mulheres, sendo que a família contribui para ratificar estes padrões, preparando as crianças, desde a mais tenra idade, a aceitarem os papéis de gênero. Pode-se supor que Francisco e Roberto consideram que o sexo da criança influencia na forma de realizar os cuidados da prole, sendo assim, educar um menino, filho do mesmo sexo deles, seria uma tarefa mais fácil e poderia fazer com que o pai se sentisse mais seguro, possivelmente pela proximidade de suas experiências e pela facilidade em entender as fases vivenciadas pelo menino. Além disso, sendo a criança do mesmo sexo, é possível que exista maior afinidade para tratar de assuntos que são considerados socialmente típicos do sexo masculino.

O PAPEL DA REDE (FEMININA) DE APOIO

A forma como a família monoparental estrutura seu dia a dia, ao experimentar momentos transacionais de acomodações para se adaptar às suas necessidades, afeta todos os membros. Estes, ao interagirem dentro e fora do ambiente familiar, vão construindo gradativamente uma nova identidade familiar (SOUSA, 2008). Pode-se dizer que a participação da escola e de pessoas que auxiliam no cuidado das crianças é fundamental para o bom funcionamento da família, sendo assim, nesta categoria serão discutidos alguns pontos referentes ao relacionamento dos pais com a rede de apoio. Três dos quatro homens entrevistados referem que contaram com ajuda de uma mulher para cuidar dos seus filhos: “Eu morava com a minha avó na época, né. A avó, uma pessoa aposentada, forte [...], então, ela tinha condições de me ajudar na parte de cuidar das crianças [...]” (Marcelo); “A minha mãe, meus pais até [...]. Sempre têm que ter alguém em casa em função da idade dele [do filho] [...]” (Francisco); “[...] todos esses anos tudo, eu pagava gente, até hoje eu pago a vizinha da frente pra fica com ele [o filho], [...]” (João).

Segundo Sousa (2008), o homem que compõe família monoparental trabalha, geralmente durante o dia e, quando necessário, busca apoio de outras pessoas ou instituições para o cuidado aos filhos. Dependendo de sua condição econômica, dispõem de profissionais como babás ou empregadas domésticas, muitos deles também podem recorrer aos recursos presentes na rede familiar e na comunidade, porém isto não exclui sua participação nos cuidados dos filhos e encargos do lar.

Nos relatos dos pais, percebe-se que recorrem principalmente a figuras femininas para auxiliá-los nos cuidados da prole. Pode-se pensar que isso se deve ao fato de estes homens acreditarem que as mulheres são naturalmente capazes de oferecer melhor cuidado a seus filhos. Ainda assim, cabe ressaltar que mesmo as famílias monoparentais femininas ou famílias nucleares optam por mulheres quando o assunto é cuidar de crianças. Segundo Freitas, Coelho e Silva (2007), em nossa cultura, a maternidade é associada ao cuidado e a manifestações afetivas em relação aos filhos, sendo assim, a boa mãe é aquela que cuida, dá carinho e alimenta. A paternidade é considerada como o oposto da maternidade, estando relacionada ao papel de provisão material, exortação, sendo que o bom pai seria aquele que não deixa faltar o alimento e dá lições de vida a prole.

A participação ativa dos genitores no contexto escolar é mencionada por estes, além disso, consideram que mantêm uma boa relação com a escola: “A gente sempre conversou sobre a escola [...]. No colégio, o pai tem que ir nas reuniões, [...] tem que ir lá conversar com a professora lá.” (Marcelo); “Reunião que tem, eu vou. Então eu vou lá, as professoras me conhecem. Então, ali tô sempre presente, em reunião ou não, converso com todo mundo lá.” (Francisco); “Procuro saber as notas. Procuro incentivar ela [a filha] estudá, [...]. Quando tem algum evento [na escola], se eu posso participar, eu participo, eu levo.” (Roberto); “Eu tô sempre a par de tudo. As reuniões, eu tô sempre. Tudo, tudo, tudo que ele [o filho] tenha participação no colégio eu tô sempre junto.” (João).

A escola tem como uma das suas principais tarefas preparar estudantes, professores e pais para viverem em um mundo onde as mudanças ocorrem de forma acelerada e os conflitos interpessoais estão presentes. Ela tem que lidar com as diversas demandas do mundo globalizado, contribuindo para o processo de desenvolvimento do indivíduo (DESSEN; POLONIA, 2007). O interesse pela vida escolar dos filhos pode estimular um melhor desempenho nas atividades realizadas na escola. Assim como uma relação de afeto e proximidade pode ajudar na superação de possíveis dificuldades que possam surgir no aprendizado, pois acompanhar a criança em seu contexto escolar permite que o genitor possa auxiliá-la quando necessário.

SENTIMENTOS DO PAI CUIDADOR

Nesta categoria são discutidos alguns sentimentos despertados nos pais a partir de suas vivências como cuidadores da prole. Os homens entrevistados evidenciaram o desejo de ser bons pais para seus filhos, buscando na convivência diária com eles e nos sentimentos relativos ao relacionamento com seus pais formas de exercerem a parentalidade. Parecem estar dispostos a se reinventarem neste papel, a fim de corrigir possíveis falhas e se sentem realizados com a paternidade.

A sociedade passou por mudanças que estimularam o homem a procurar formas de ampliar as interações no âmbito familiar, estendendo suas atividades para além da provisão material. O envolvimento do pai com tarefas na esfera familiar foi gradualmente se tornando parte da rotina, provocando mudanças no relacionamento de seus membros. A interação ativa nos cuidados com a prole suscitou em muitos homens o desejo de responsabilidade em cuidar e amar seus filhos. O relacionamento entre pai e filho pode perder o caráter de obrigação, sendo substituído pelo prazer que pode proporcionar a ambos (SOUSA, 2008).

Os homens entrevistados se consideram bons pais apesar das dificuldades: “É, foi normal, é, foi se adaptando à situação conforme o degrau era mais alto, o passo era mais alto, o degrau era menor, e assim ia indo conforme a situação ia levando. Eu me definiria como um pai bom, eu acho que não devo de ter queixa deles, não sei. [...] Eu fui criado num sistema que meu pai não me acompanhava assim direto, eu procuro acompanhar até por, não sei, por não ter aquilo ali, [...] acompanhar o filho, se ele for jogar bola, se ele for no colégio, se ele for viajar, qualquer coisa quero tá sempre presente, ser um pai presente pra eles, né.” (Marcelo); “[...] Não posso ser considerado um pai herói, não, longe disso. A situação é difícil, [...]. Eu não cogitei em chegá, não vou levar pra alguém ficá. Vou levá pra outra vó ficá. Vou deixar com a vó. Não, eu vou assumir.” (Francisco); “Um bom pai. Não perfeito, né, porque ninguém é perfeito. Às vezes meio ausente, mas sempre procurando tá presente, né. Tentando acertar sempre. [...] Eu acho que o exemplo que o pai tem que procurar dar, acho que é o mais importante. De caráter, de honestidade, (pausa), responsabilidade [...]” (Roberto); “[...] Lá no início mais difícil (pausa), foi mudar. Ele usava fralda, mudar, dá mamá (pausa). Eu me acho

um pai bom. Pai excelente. [...] Primeiro lugar adorar seu filho, né. E dá ensino, dá estudo, dá carinho, conversá, dialogá.” (João).

Atualmente, ao se tornar pai, o homem pode ir progressivamente se desarticulando do modelo de pai tradicional. Ao se permitir reviver nesta função a relação com o pai da infância, ele pode ressignificar sua experiência e perceber o encontro de seus sentimentos passados com os atuais (GOMES; RESENDE, 2004). Pode-se considerar que, na atualidade, muitos homens estão dispostos a se envolver emocionalmente com seus filhos, buscando novas formas de se relacionar com eles. A paternidade pode estar associada a sentimentos de felicidade e amor em relação aos filhos, o que pode ser observado nas seguintes falas: “Muito contente, não tenho queixa dos meus filhos [...]. [...] Mas em questão de eles ser meu filho, bah muito bom mesmo, eles são minha vida, né, [...]” (Marcelo); “[...] A alegria é total, né. A gente vê pai pra cá, pai pra lá hoje, né. [...] Espero que se acontecer com outros pais igual na mesma situação, que tome a mesma atitude, né. Que não entregue seus filhos pra outras pessoas.” (Francisco); “Eu brinco com ela: Bah, tu saiu de dentro do papai e da mamãe, aí o tamanho que ta, né. Tu te sente vivo, né. [...] Realizado por ela ter escolhido ficar comigo. [...] A gente se dá bem. Gosta parece das mesmas coisas também. [...] Me sinto orgulhoso, porque ter um filho no caso é, eu acho é a maior benção que tem, né. Imagina uma pessoinha que saiu de dentro de ti, né. E ela é muito parecida comigo também. É uma felicidade, não tem.” (Roberto); “Adoro ele [filho]. Gosto de tudo nele. [...] Me sinto muito orgulhoso de ter meus filhos, adoro todos eles. Mas como moro só eu e o Tiago, adoro mais ele ainda. [...] Bah, é incrível! Ele me obedece, ele me pede as coisas, eu faço tudo por ele.” (João).

Os homens entrevistados parecem se sentirem recompensados com a paternidade e demonstram sentimento de amor por seus filhos. Apesar das dificuldades enfrentadas ao exercerem a parentalidade sozinhos, pode-se dizer que parecem dedicados e dispostos a continuar como responsáveis pelo cuidado de seus filhos. Conforme Sutter e Bucher-Maluschke (2008), os pais, muitas vezes, podem demonstrar sentimentos de intenso envolvimento afetivo em relação aos filhos, como se estes fizessem parte de si. Portanto, se aceitarmos que os pais podem ser ternos e acolhedores, estes atributos deixam de ser femininos e passam a ser também masculinos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência da paternidade de pais que moram com o(s) filho(s) sem a presença da mãe ou outra companheira, constituindo uma família monoparental masculina, é assunto pouco explorado pela Psicologia. Os homens, ao assumirem o papel central de cuidado na família, sem a presença de uma figura feminina, podem perceber algumas dificuldades por serem os únicos responsáveis pelos cuidados e educação dos filhos. Pode-se perceber que os pais entrevistados foram gradativamente se adaptando à nova realidade do dia a dia, tendo que desempenhar os papéis considerados socialmente de pai e mãe. Apesar de serem

papéis que se complementam na função, exigem habilidades e competências diferentes e com fronteiras muito flexíveis, o que muitas vezes é pouco discutido em nossa sociedade, pois ainda há o estigma de que o pai e a mãe têm funções delimitadas e específicas para cada um dentro da estrutura familiar.

Os estereótipos de gênero fixaram papéis para homens e mulheres, possibilitando que muitos homens associem as tarefas domésticas como sendo competência da mulher, o que influencia as relações familiares. Alguns pais podem exigir uma participação da prole nas tarefas domésticas, mas ao mesmo tempo sentem como se essas tarefas não fossem parte de sua função, demonstrando de certa forma uma contradição, no caso dos filhos do sexo masculino. Além disso, cabe destacar que alguns homens acreditam que o sexo da criança influencia no relacionamento pai-filho/filha, sendo considerado mais fácil assumir os cuidados do menino, por ser do mesmo sexo deles.

Pode-se perceber que os pais entrevistados participam ativamente do cuidado no dia a dia de seus filhos, mas, quando precisam de ajuda, recorrem principalmente a figuras femininas. Ainda cabe ressaltar que esta prática também é utilizada por outras estruturas familiares, o que pode demonstrar que socialmente o cuidado de crianças está associado às mulheres.

Apesar das dificuldades enfrentadas por estes homens, pode-se dizer que buscam ser bons pais, envolvendo-se afetivamente, demonstrando sentimentos de amor e felicidade em relação aos filhos. Eles admitem algumas falhas, mas demonstram estar dispostos a continuar realizando os cuidados da prole, parecendo se sentirem recompensados com a experiência da paternidade. Apesar de representarem uma pequena parcela da população, é importante que sejam realizados estudos sobre as particularidades das famílias monoparentais masculinas, abordando diversos aspectos como os sentimentos, as dificuldades enfrentadas pelos filhos, enfim, existem vários aspectos a serem explorados.

Os pais entrevistados podem ser considerados especiais, pois demonstram ser afetivos mantendo vínculos profundos com seus filhos. Porém, mesmo estes pais têm marcados os estereótipos de gênero o que pode levar eles a acreditar que uma mulher faria de melhor forma os cuidados da prole. Pode-se pensar que seria diferente, mas não necessariamente melhor. Cabe ainda ressaltar que esta amostra não corresponde a todos os homens que se dispõem a esta experiência.

Pode-se considerar que muitos homens estão buscando novas formas de se relacionar com os seus filhos, enfrentando desafios que implicam transformações de sua identidade, tendo assim que desconstruir conceitos e se adaptar à nova realidade que lhes impõe uma responsabilidade maior, pois não têm com quem dividir a função parental. Na maioria das vezes, quem assume a responsabilidade pelos cuidados aos filhos é a mulher, que também enfrenta dificuldades, porém pode-se considerar que socialmente são preparadas para cuidar dos filhos, o que não ocorre com os homens, aumentando, assim, a dificuldade para eles. Apesar disso, sabe-se que no Brasil os homens são melhor remunerados que as mulheres, e talvez tenham mais atenção da rede de apoio. Discutir sobre as imposições dos papéis de gênero poderia contribuir para mudanças nas construções das identidades de homens e mulheres colaborando para um melhor relacionamento em todas as esferas sociais.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, P.; PICCININI, C. Práticas Educativas Maternas e Problemas de Comportamento em Pré-Escolares. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 14 n. 3, p. 449-460, 2001.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1977.

BARKER, C.; PISTRANG, N.; ELLIOT, R. **Research methods in clinical and counselling psychology**. Chichester: Wiley, 1994.

BOTTOLI, C.; ARPINI, D. M. O Exercício da Paternidade na Separação Conjugal. In: JAEGER, F. P.; KRUEL, C. S.; SIQUEIRA, A. C. (Org.). **Parentalidade e Contemporaneidade: Os Desafios para a Psicologia**. Santa Maria: Centro Universitário Franciscano, p. 123-150, 2011.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Lei nº 6.515/77 de 26 de dezembro de 1977**. Da Dissolução da Sociedade Conjugal. Presidência da República Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília, 1997.

DESSEN, M. A.; POLONIA, A. da C. A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paidéia**, v. 17, n. 36, p. 21-32, 2007.

FREITAS, W. de M. F.; COELHO, E. de A. C.; SILVA, A. T. M. C. Sentir-se pai: a vivência masculina sob o olhar de gênero. **Caderno Saúde Pública**, v. 23, n. 1, 137-145, 2007.

GOMES, A. J. da S.; RESENDE, V. da R. O Pai Presente: O Desvelar da Paternidade em Uma Família Contemporânea. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 20, n. 2, p. 119-125, 2004.

GRZYBOWSKI, L. S.; WAGNER, A. Casa do Pai, Casa da Mãe: A Coparentalidade após o Divórcio. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 26, n. 1, p. 77-87, 2010.

HENNIGEN, I.; GUARESCHI, N. M. de F. A paternidade na contemporaneidade: um estudo de mídia sob a perspectiva dos estudos culturais. **Psicologia & Sociedade**, v. 14, n. 1, p. 44-68, 2002.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS, 2007. Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, 2009.

LAMB, M. E. et al. Paternal behavior in humans. **American Zoologist**, v. 25, n. 3, p. 883-894, 1985.

NOGUEIRA, C. Feminismo e Discurso do Gênero na Psicologia Social. **Psicologia & Sociedade**, v. 13, n. 1, p. 107-128, 2001.

PALMA, R. **Famílias monoparentais**. Rio de Janeiro: Forense, 2001.

PICCININI, C. A. et al. O Envolvimento Paterno durante a Gestação. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 17, n. 3, p. 303-314, 2004.

SANTOS, J. B.; SANTOS, M. S. da C. Família monoparental brasileira. **Revista Jurídica**, v. 10, n. 92, p. 01-30, 2008.

SILVA, S. G. da. A crise da Masculinidade: Uma Crítica à Identidade de Gênero e à Literatura Masculinista. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 26, v. 1, p. 118-131, 2006.

SOUSA, A. P. de **Estudo comparativo das famílias monoparentais masculinas x monoparentais femininas**: a influência do genitor no desenvolvimento familiar. 2008. 171 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2008.

SUTTER, C.; BUCHER-MALUSCHKE, J. S. N. F. Pais que cuidam dos filhos: a vivência masculina na paternidade participativa. **PSICO**, v. 39, n. 1, p. 74-82, 2008.

STAKE, R. Case studies. In: DENZIN, N.; LINCON, Y. (Org.). **Handbook of qualitative research**. London: Sage, p. 236-247, 1994.

WAGNER, A.; PREDEBON, J.; MOSMANN, C.; VERZA, F. Compartilhar tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 21, n. 2, p. 181-186, 2005.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. (D. Grassi, Trad.). Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZAMBERLAM, C. de O. **Os novos paradigmas da família contemporânea: uma perspectiva interdisciplinar**. Rio de Janeiro: Renovar, 2001.